

UM ESTUDO PRELIMINAR SOBRE ALGUNS ASPECTOS DA MORFOLOGIA DOS IDEOFONES DO CHANGANA

Ezra Alberto Chambal Nhampoca¹

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo continuar uma discussão iniciada durante o Mestrado, sobre alguns aspectos da morfologia dos ideofones do Changana. De acordo com Kulemeka (1995), o termo ideofone foi introduzido por Doke (1935). Ngunga (2004) refere ainda que até 1968, Doke incluía esta categoria de palavras no grupo das onomatopeias geralmente definidas como palavras que imitam ou reproduzem ruídos produzidos por animais, pessoas, coisas, etc. Mas já no estudo de 1968, Doke distingue ideofones das onomatopeias, ao considerar, de acordo com (DOKE apud NGUNGA, 2004:195), que “os ideofones são definidos como a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a conseqüente reação ou construção psíquica dos mesmos na cabeça do indivíduo.” Sendo os ideofones um conjunto de palavras presente na língua changana, pensamos ser legítimo que se faça análise de aspectos de sua morfologia e, o que veio a reforçar esta intenção, foi o fato de em estudos anteriores, por nós (re)visitados, sobre os ideofones do Changana, não termos encontrado nenhum que discutisse esta questão com profundidade. Os ideofones analisados fazem parte de um corpus apresentado na dissertação de mestrado (NHAMPOCA, 2010). A partir destes ideofones e em vários contextos de uso/ocorrência, analisamos a sua estrutura e outros aspectos ligados à sua morfologia. Com o estudo concluímos que os ideofones do Changana apresentam a seguinte estrutura: **ku+ideophonic radical** e que eles apresentam vários processos morfológicos tal como ocorre com outras classes de palavras.

Palavras chaves: Changana. Ideofone. Morfologia.

A PRELIMINARY STUDY OF SOME ASPECTS OF MORPHOLOGY OF THE CHANGANA IDEOPHONES

Abstract: This paper aims to continue a discussion started during the Masters, on some aspects of morphology ideophones in Changana. According to Kulemeka (1994), the term ideophone was introduced by Doke (1935). Ngunga (2004) also states that until 1968, Doke included this category of words in the group of onomatopoeia generally defined as words that imitate or reproduce sounds produced by animals, people, things, etc. But since the 1968 study, Doke distinguishes ideophones of onomatopoeia, when he considers, according to Ngunga (2004:195) that “ideophones are defined as an association among determined sound, color, state, pain, intensity, etc., and the related reaction or their psychological construction in some’s mind”. Being ideophones a set of words in Changana language, we think be legitimate to make analysis of aspects of their morphology and, what came to reinforce this intent was the fact that in previous studies, which we (re) visited about Changana

¹ Mestre em Linguística (Lexicografia da Língua Changana) pela Universidade Eduardo Mondlane – Moçambique. Doutoranda em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFSC
ch_ezra@yahoo.com.br

ideophones, we did not find any that discuss this issue in depth. The ideophones analyzed are part of a corpus presented in the Master's dissertation (Nhampoca, 2010). From these ideophones and in various contexts of use / occurrence, we analyze its structure and other aspects of their morphology. With this study, we conclude that ideophones obey the following structure: **ku+ideophonic radical**, and they exhibit various morphological processes as with other parts of speech.

Key words: Changana. Ideophone. Morphology.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo continuar uma discussão iniciada durante o mestrado, sobre alguns aspectos da Morfologia dos ideofones do Changana. De acordo com Kulemeke (1995), o termo ideofone foi introduzido por Doke (1935). Ngunga (2004) refere ainda que até 1968, Doke incluía esta categoria de palavras no grupo das onomatopeias geralmente definidas como palavras que imitam ou reproduzem ruídos produzidos por animais, pessoas, coisas, etc. Mas já no estudo de 1968, Doke distingue ideofones das onomatopeias, ao considerar, de acordo com (DOKE apud NGUNGA, 2004:195), que “os ideofones são definidos como a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a conseqüente reação ou construção psíquica dos mesmos na cabeça do indivíduo.” Sendo os ideofones um conjunto de palavras presente na língua changana, pensamos ser legítimo que se faça análise de aspectos de sua morfologia e, o que veio a reforçar esta intenção, foi o fato de em estudos anteriores, por nós (re)visitados, sobre os ideofones do Changana, não termos encontrado nenhum que discutisse esta questão com profundidade. Os ideofones analisados fazem parte de um corpus apresentado na dissertação de mestrado (NHAMPOCA, 2010). A partir destes ideofones e em vários contextos de uso/ocorrência, analisamos a sua estrutura e outros aspectos ligados à sua morfologia. O trabalho está organizado da seguinte forma: 1- Introdução, onde apresentamos os objetivos, a motivação e a metodologia; 2- nesta secção apresentamos dados sobre a língua changana; 3- aqui apresentamos uma breve revisão bibliográfica sobre morfologia e sobre ideofones; 4- na secção apresentamos os dados e discutimos a morfologia do ideofone, na 5ª, as Conclusões e, por fim, a bibliografia.

A língua changana em Moçambique

O Changana (S53, na classificação de Guthrie 1967/71) é uma língua Bantu. De acordo com (Siteo, 1996), “O Changana pertence ao grupo Tswa-Ronga (S.50, na classificação de Guthrie (1967-71). Doke (1967) designa este grupo pelo termo Tsonga. Fazem ainda parte deste grupo as línguas Tswa (S.51) e Ronga (S.54).” Em Moçambique, o Changana é falado nas províncias de Maputo, Gaza, Inhambane e na zona meridional das províncias de Manica e Sofala. (SITEO e NGUNGA, 2000). De acordo com Ngunga e Faquir (2011), com base no Censo Populacional de 2007, o Changana “é falado por cerca de 1.660.319 habitantes em Moçambique”. E apresenta as seguintes variantes: **1) Xihlanganu**, falada a sudoeste de Moçambique, nos Montes Libombos, abrangendo parte dos

distritos de Namaacha, Moamba e Magude. 2) **Xidzonga ou Xitsonga** que é falada nos distritos de Magude, Bilene e parte de Massingir. 3) **Xin'walungu**, variante falada no distrito de Massingir. 4) **Xibila**, falada no distrito de Limpopo e parte do distrito de Chibuto. 5) **Xihlengwe** que é falada nos distritos de Xai-Xai, Manjacaze, Chibuto, Guijá, Chicualacuala, Panda, Morrumbene, Massinga, Vilanculo e Govuro. De salientar que, segundo Siteo (1996), devido a grandes e frequentes movimentações das populações, torna-se cada vez mais difícil a localização precisa destas variantes. Para este trabalho tomamos como referência a variante Xidzonga, uma vez que os dados foram recolhidos num local onde esta variante prevalece. Esta língua é também falada em alguns países vizinhos, nomeadamente, República da África do Sul e do Zimbabwe. (INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2000), NHAMPOCA (2009), SITEO e NGUNGA 2000; SITEO, 1996).

Fundamentações teóricas

Para este trabalho concebemos Morfologia na óptica de Ngunga (2004) e de Petter (2003). Petter (2003) apresenta uma visão segundo a qual, definir Morfologia seria fácil para um leigo, porém, problemático para o linguista. Esta autora afirma que Morfologia é “frequentemente definida como a área da Linguística que estuda a ‘forma das palavras’.” (PETTER, 2003:60). Esta autora alerta que a esta definição restaria acrescentar, para complementar o domínio de investigação morfológica, os processos e regras que permitem a formação de novas palavras, ou seja, Morfologia é “o estudo dos morfemas, das regras que regem a sua combinação na formação da palavra, e a sua função no sintagma e na frase.” (NGUNGA, 2004:99). Portanto é à luz destas concepções de Morfologia que analisamos os processos morfológicos dos ideofones do Changana, tais como, derivação, sufixação e reduplicação, para além de apresentar a sua estrutura.

Estudiosos que lidam com ideofones apontam várias dificuldades que há, para a sua definição. (Miti, 2006), por exemplo, postula que não é fácil definir ideofones numa língua como o Português. Ele sustenta esta posição se referindo à dificuldade de definir ideofones no Inglês e argumenta que essa dificuldade surge do fato de esta categoria não existir, pelo menos não há evidências de sua existência, nas línguas Indo-Europeias. No entanto, muitos estudiosos têm mostrado interesse em estudar os ideofones nas línguas Bantu. A seguir discutimos as posições desses autores. Segundo vários autores, por exemplo, (Langa, 2004; Ngunga, 2004; Kulemeka, 1994, etc.), o termo ideofone foi introduzido pela primeira vez por Doke (1935). A célebre definição de Doke refere que ideofones são definidos como a associação entre um determinado som, cor, estado, dor, intensidade, etc. e a conseqüente reação ou construção psíquica dos mesmos na cabeça do indivíduo. (DOKE, 1935 apud KULEMEKA 1995). Beck (2005) defende que ideofones são expressões cinestésicas que se distinguem, como classe, através das suas propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas; da tendência de ter uma função emotiva e de estarem associados à fala e a registos dramáticos da fala. O ideofone é uma representação viva de uma ideia, num som. (WELMERS, 1973 apud KIMENYI, [s.d]: 01). “Semanticamente, os ideofones estão ligados a campos específicos e

diversos, tais como ações, sons, cores cheiros, posturas, atitudes, gestos, etc.". (SITOE, 1996: 345). Este estudioso defende ainda que os ideofones caracterizam-se pelo seu alto grau de especificidade. Esta posição parece-nos semelhante à de Ngunga. Embora haja diferenças de abordagens, na definição do ideofone, pensamos que todas as posições aqui apresentadas assemelham-se e defendem, em geral, que um ideofone é "o fenómeno através do qual alguns sons da linguagem humana podem, do ponto de vista semântico, combinar a figura mental com os sons da fala." (LANGA, 2004:59). Sendo assim, concordamos com todas, contudo, para o quadro teórico do nosso trabalho, baseamo-nos, principalmente, nas perspectivas de (Kulemeka, 1995; Langa, 2004; Ngunga, 2004 e Siteo, 1996).

Aspectos de Morfologia dos ideofones do Changana

Os dados

Os ideofones analisados fazem parte de um corpus apresentado na nossa dissertação de Mestrado (NHAMPOCA, 2010). Para o Mestrado o estudo com os ideofones foi sobre lexicografia, contudo, acreditamos que os dados continuam aproveitáveis para a presente abordagem. Na altura, recorrendo à gravação áudio e posterior transcrição e sistematização, recolhemos contos changanas de tradição oral e histórias de vida, no distrito de Chókwe, província de Gaza, no sul de Moçambique. Com a referida recolha, pretendíamos extrair ideofones, uma vez que notámos que os contos e as histórias de vida, na tradição changana são ricos em ideofones. A partir desse corpus maior, selecionamos aleatoriamente, os ideofones que analisamos nos nossos dados. Ao longo do trabalho os ideofones estão apresentados sem a partícula *ku-* (um prefixo que normalmente introduz os ideofones), sendo que esta será representada por um hífen (-). Na descrição/definição, a forma *id. de* significa ideofone de ou ideofone com o significado de.

Estrutura dos Ideofones do Changana

Da análise feita à estrutura dos ideofones do Changana, durante o trabalho de Mestrado (NHAMPOCA, 2010), verificamos que existem duas possibilidades, no que respeita à sua estrutura. Essas duas possibilidades foram nomeadas *hipótese 1* e *hipótese 2*. No entanto, no fim desta discussão, só uma prevaleceu. Vejamos:

Hipótese 1

Nesta se defende que a estrutura dos ideofones é constituída pelo prefixo **ku+radical ideofónico**, forma que os ideofones assumem no nominativo, acusativo, e noutros casos gramaticais. Como podemos observar nos seguintes exemplos:

Ideofone no nominativo

1.

a) **Kugilhi** loku kungatwala tolo akuli kuwa ka yindlo ya Mungoni.
15. ruir: ID DEM. 15. PS. Ouvir-se: REL ontem PS. 15. ser 15. cair de 9.casa de Mungoni
'O/aquele ruir que se ouviu ontem, era a casa do Mungoni que estava a cair/ que caía.'

Comparando com a forma verbal teremos o seguinte:

Verbo no nominativo

b) **Kugilhika** loku kungatwala tolo akuli kuwa ka yindlo ya Mungoni.
15. ruir DEM. 15. PS. Ouvir-se: REL. Ontem PS 15. ser 15. cair de 9.casa de Mungoni.
'Aquele ruir que se ouviu ontem, era a casa do Mungoni que estava a cair.'

Ideofone no acusativo

2. a) Anirhandzi **kugilhì** ka timvhalu.
NEG. 1SG.gostar. PR. 15.ruir: ID de 10.batidas: do coração
'Não gosto das batidas do coração.'

Comparando com um verbo teremos o seguinte:

Verbo no acusativo

b) Anirhandzi **kugilhika** ka timvhalu.
NEG. 1SG.gostar. PR 15.ruir: ID de 10.batidas: do coração
'Não gosto das batidas do coração'

Ideofone no locativo temporal

3.

a) Ndzeni ka **kupsiyo**, akuli ni kunavela kutwiwa hi titombhi.
Dentro de.15 15.assobiar:ID PS.ser15. ASS. 15.desejar 15.ser ouvido.PASS. PREP. 10.raparigas
'Assobiando esperava ser ouvido pelas raparigas'

Se compararmos com um verbo, teremos o seguinte:

Verbo no locativo temporal.

b) Ndzeni ka **kupsiyota** akuli ni kunavela kutwiwa hi tintombhi.

Dentro de.15 15.assobiar PS.ser15. ASS. 15.desejar 15.ser ouvido. PASS. PREP. 10.raparigas
'Assobiando esperava ser ouvido pelas raparigas'

Os exemplos acima mostram como os ideofones e os verbos se comportam nos casos nominativo, acusativo e locativo temporal e se observa que eles têm as seguintes estruturas, **ku- + radical verbal** para os verbos e **ku-+Radical Ideofónico** para os ideofones.

Hipótese 2

Durante a nossa análise, constatamos também que os ideofones, aparentemente, podem apresentar outra estrutura, que não inclui o prefixo *ku-*. A hipótese sugere que a estrutura dos ideofones não apresenta o prefixo *ku-*. Esta reflexão decorre do facto de termos verificado que o prefixo *ku-* não ocorre apenas com verbos e ideofones mas também com sintagmas nominais e até com frases completas. Vejamos os seguintes exemplos:

4.

a) Nirhandza kupsiyota.

1SG. 15.gostar 15. assobiar

'Gosto de assobiar.'

b) Nirhandza ku psiyò!

1SG. 15.gostar de 15.fazer 15. assobiar :ID

'Gosto de assobiar. '

c) Nirhandza ku "tatana wa mina asasekile."

1SG. 15.gostar 15.dizer 1SG.pai de PAbs. MS. 15.ser bonito PS.

'Gosto de dizer que o meu pai é bonito.'

d) Nirhandza ku "mamani wa mina."

1SG. 15.gostar 15.dizer 1SG.mae de PAbs.

'Gosto de dizer minha mãe'

Com os exemplos acima, verifica-se que tanto verbos, ideofones, frases como sintagmas nominais, podem ser antecidos por uma partícula *ku-*, portanto, a ocorrência da partícula **ku** não é exclusiva dos verbos e ideofones, o que nos faria concluir que as estruturas tanto do verbo como do ideofone não apresentam o prefixo *ku-*, mas sim o radical verbal (para os verbos) e radical ideofónico

(para os ideofones), respectivamente. Mas, ainda no decurso do estudo, notámos que essa partícula, nos exemplos da hipótese 2 não ocorre nas mesmas condições que ocorria nos exemplos apresentados na hipótese 1. Verificamos igualmente, que a partícula *-ku* que ocorre nos exemplos respeitantes à hipótese 2 poderá ser uma forma abreviada da conjunção *lesvaku/svaku* em *-ku* (tal ocorre na língua changana), pois a forma *-ku* pode ser substituída por esta, em frases e em sintagmas, mas quando se trata de verbos e ideofones, como os tratados na hipótese 1 não se pode substituir a partícula *-ku* pela conjunção *lesvaku/svaku*, como mostram os exemplos:

5.

a). *Nirhandza lesvaku kupsiyota

*‘Gosto de aquilo de assobiar’

b. ?Nirhandza lesvaku psiyò!

‘?Gosto de fazer assobiar/gosto de assobiar.’

c) Nirhandza kuvula lesvaku “tatana wa mina asasekile.”

‘Gosto de dizer que o meu pai é bonito.’

d) Nirhandza kuvula lesvaku “mamani wa mina.”

‘Gosto de dizer “minha mãe.”

Os exemplos confirmam que a partícula *ku* da *Hipótese 2* (derivada da conjunção *lesvaku/svaku*) é diferente da partícula *ku-* da *Hipótese 1*, pois no caso em que ela faz parte da estrutura dos ideofones (como prefixo), este não pode ser substituído pela conjunção *lesvaku/svaku*, sob o risco de se obter construções agramaticais como vimos em (8a). Note-se que a possível aceitabilidade de (10b) reside no facto de ali o ideofone *psiyò* funcionar como uma interjeição, ganhando assim o estatuto de frase completa. Vejamos ainda os exemplos abaixo, retomados da *hipótese 1* para consubstanciarmos a nossa argumentação sobre a *hipótese 2*:

Ideofone no nomimativo

6.

Kugilhi loku ungakutwa tolo akuli kuwa ka yindlo ya Mungoni.

15. ruir: ID DEM. 15. PS. Ouvir-se: REL ontem PS. 15. ser 15. Cair de 9.casa de Mungoni

‘O ruir que se ouviu ontem era a casa do Mungoni que estava a cair’

***Lesvaku gilhi** loku ungakutwa tolo akuli kuwa ka yindlo ya Mungoni.

‘De dizer que o ruir que se ouviu ontem era a casa do Mungoni que estava a cair’

Ideofone no acusativo

7.

Anirhandzi **kugìlhì** ka timvhalu.

NEG. 1SG.gostar. PR. 15.ruir: ID de 10.batidas: do coração

‘Não gosto das batidas do coração’

*Anirhandzi lesvaku **gìlhì** ka timvhalu.

*‘De dizer que não gosto das batidas do coração’

Ideofone no locativo temporal

8.

Ndzeni ka **kupsiyo** akuli ni kunavela kutwiwa hi titombhi.

Dentro de.15 15.assobiar:ID PS.ser15. ASS. 15.desejar 15.ser ouvido.PASS. PREP. 10.raparigas

‘Assobiando esperava ser ouvido pelas raparigas’

*Ndzeni ka lesvaku **psiyo** akuli ni kunavela kutwiwa hi tintombhi

*‘Dizer que assobiando esperava ser ouvido pelas raparigas’

Ao usar a conjunção *lesvaku* como variante do *-ku*, as frases com ideofones tornam-se agramaticais, o que prova de fato que a partícula *ku-* presente nos ideofones faz parte de sua estrutura e não deriva da forma *lesvaku*. Esta discussão toda em volta da estrutura dos ideofones fez-nos concluir que de facto a estrutura do ideofone é **ku+** **Radical Ideofónico**.

Ideofones simples

Ainda em relação à estrutura dos ideofones e de acordo com Nkabinde (1985), eles podem ser simples ou complexo. Queremos aqui realçar que é o radical ideofónico que pode ser simples ou complexo e que, para facilidade de descrição, falaremos de ideofones simples ou complexos em vez de ideofones de radical simples ou complexo. Miti (2006) considera que a morfologia dos ideofones é algo bastante interessante. De acordo com este autor, os ideofones podem ser primitivos ou derivados. Miti refere que em várias línguas bantu os ideofones monossilábicos são geralmente primitivos e os ideofones com mais de uma sílaba podem ser primitivos ou derivados. Partindo da posição de Miti (2006), acima apresentada e tendo em conta que para este autor ideofones monossilábicos são aqueles cuja estrutura não se pode quebrar para efeitos de análise, verificamos que também, na língua Changana os ideofones monossilábicos são primitivos, como nos exemplos em (9).

9.

- a) **-bi** 'id. de estar em completo silêncio'
- b) **-gi** 'id. de pegar de surpresa'
- c) **-sudu** 'id. de estar deitado ou caído'

Nos exemplos em (9) os ideofones **-bi** e **-gi** são monossilábicos, portanto, primitivos. E temos o caso do ideofone **-sudù** que não é monossilábico, mas tendo em conta que Miti (2006), refere que os ideofones com mais de uma sílaba podem ser primitivos ou derivados, podemos concluir que **-sudu**, apesar de não ser monossilábico é primitivo, pois sua estrutura não pode ser repartida. Quanto aos ideofones derivados, Miti (2006) afirma que se pode quebrar a sua estrutura e analisar os vários significados das suas componentes. Estes derivam de radicais verbais e podem ser simples ou complexos, posição esta que se assemelha à de Nkabinde (1985) e com a qual concordamos. Aos ideofones simples não é possível quebrar a estrutura do seu radical para efeitos de análise. Vejamos os exemplos em (10):

10.

- a) **-ntse** 'id. de silêncio, de indiferença, de imobilidade'
- b) **-hwii** 'id. de estar calado, de estar quieto, de estar silencioso; de estar calmo'

Os ideofones em (10) são simples no sentido de que, para além do prefixo *ku-*, não é possível quebrar a estrutura do seu radical para efeitos de análise. Já os ideofones derivados, segundo Nkabinde (1985), são os que surgem a partir da combinação de formas simples e podem ocorrer também por reduplicação ou por triplicação. Os reduplicados, em geral, indicam irregularidade, ritmo, persistência ou eventos não sistemáticos, como se observa em (11, 12, 13 e 14) e os triplicados indicam uma acção contínua, como ilustram os exemplos em (15):

11.

- a). **-cambucambu** 'id. de caminhar nú (o homem).'
- b). **-gidìgìdì** 'id. de se movimentar em massa.'

Os ideofones em (11, 12, 13 e 14) são complexos, e podemos efectuar a decomposição do seu radical para questões de análise, mostrando-se os seus constituintes.

Os ideofones reduplicados têm um padrão morfológico distintivo e a sua principal característica é a pausa regular entre as unidades que os compõem. Nkabinde (1985) o que este autor afirma na língua Changana não acontece apenas com os ideofones reduplicados, mas também com os triplicados. O que se observa no Changana é que dependendo da intenção do falante; da mensagem

que este pretende transmitir, um ideofone, reduplicado ou triplicado, pode ser produzido com certa pausa entre os elementos que o compõe ou sem a mesma. A pausa na escrita será assinalada por um hífen. Exemplificando:

12.

- a) **kukhutekhute** (sem pausa) 'id. de coxear'
kukhute-khute (com pausa) 'id. de coxear (compassadamente)
- b) **kudlodlongodlodlongo** (sem pausa) 'id. de correr como antílope ou girafa (com passos graciosos)
kudlodlongo-dlodlongo (com pausa) 'id. de correr como antílope ou girafa (com passos graciosos e compassados)
- c) **kubibibibi** 'id. de pancadas repetidas (como as do coração)
kubi-bi-bi-bi 'id de pancadas repetidas pausadamente (como as do coração)

Ainda sobre ideofones reduplicados, Nkabinde (1985) avança que alguns destes reduplicam-se apenas na última sílaba, como nos seguintes exemplos do Zulu:

13.

- a) **kugòzolo** 'id. de satisfação'
b) **kukhòmololo** 'id. de espanto'
c) **kudèdelele** 'id. de desapontamento'

O mesmo processo ocorre no Changana, como podemos ver nos exemplos que se seguem:

14.

- a) **-b'ukwanana** 'id. de se deitar sobre a barriga; de esconder-se pondo-se de gatas ou de cócoras'
b) **-horotsotso** 'id. de ficar embaraçado'

Como se pode verificar, nos exemplos em (13 e 14) a reduplicação efectua-se na última sílaba de cada ideofone.

15.

- a) **-bibibibi** 'id. de pancadas repetidas (como as do coração)'
b) **-cambu-cambu-cambu-cambu** 'id. de dar chicotadas leves e repetidas (como quando se castiga uma criança)'

3.1.4. Ideofones derivados de verbos

Alguns ideofones podem ser formados a partir de radicais verbais Miti (2006). Tal pode ocorrer adicionando algum material linguístico ao radical verbal. Esse material, de acordo com Matambirofa (2009) denomina-se *ideofonizador*. Os ideofones podem ser formados a partir da sufixação de uma vogal a um radical verbal.(MITI, 2006). Apesar de Miti afirmar isto no estudo sobre o Zulu, verificámos que o mesmo processo ocorre no Changana. Miti acrescenta que neste processo de formação de ideofones a vogal usada pode variar de língua para língua. Vejam-se os seguintes exemplos do Zulu, extraídos de Miti (2006):

16.

Verbo	Ideofone
-redz ‘escorregar’	redze- id. de escorregar
-god- ‘empacotar’	godo id. de empacotar
-kumb- ‘juntar’	kumbu id. de juntar

No quadro acima, verifica-se que se formam ideofones sufixando-se uma vogal a um radical verbal, neste caso temos as vogais **e** para o verbo *-redz-*, **o** para *-god-* e **u** para *-kumb-*. Tentando perceber se o mesmo processo de formação de ideofones ocorria no Changana, verificamos que ocorre. Observemos os exemplos no quadro abaixo:

17.

Verbo	Ideofone
a) kubvonyonget- ‘atacar, destruir’	-bvonyongeto id. de atacar subitamente e projectar para o chão
b) kujik- ‘contornar, virar’	-jiko ‘id. de contornar ou virar rapidamente’
c) kuthukuluk- ‘aparecer de repente’	-thukuluku ‘id. de aparecer de repente’

Nos exemplos acima, na segunda coluna, temos ideofones formados a partir da combinação de verbos com vogais, neste caso as vogais **o** e **u**, o que legitima a afirmação de Miti, segundo a qual a vogal usada neste processo pode variar de língua para língua.

A formação de ideofones a partir de verbos pode processar-se também através da eliminação de alguns segmentos do verbo em causa. Como se observa no quadro que segue:

20.

Ideofone	Significado
-chuku Muyivi ali chuku . 1. Ladrão 1.fazer mexer: ID. 'o ladrão mexe-se; agita-se.'	'id. de mexer-se; agitar-se'
-dwa Mpfuvu yili dwa . 9. Hipopótamo 9.fazer vir à superfície: ID. 'o hipopótamo vem à superfície (na água).'	'id. de vir à superfície' (na água)
-khapa Mati mali khapa . 6. água 6.fazer 15.transbordar:ID 'a água transborda.'	'id. de transbordar' (líquidos)

A partir dos ideofones em (20), tendo em conta a percepção mental dos falantes, podemos formar verbos, como mostram os exemplos a seguir:

21. a) Muyivi **wachukuvanya** 'o ladrão mexe-se; o ladrão agita-se.'
 b) Mpfuvu **yadwaka**. 'o hipopótamo vem à superfície (na água).'
 c) Mati **makhapa**. 'a água transborda.'

Em (21) encontramos ideofones verbalizados que derivam dos ideofones vistos em (20), na seguinte correspondência:

22.

Ideofone	Verbo	Significado do verbo
-chuku	- chukuvanya	'mexer-se, agitar-se, debater-se'
-dwa	- dwaka	'vir à superfície' (na água)
-khapa	- khapa	'transbordar'

Em (22) mostra-se a relação entre os verbos derivados (no meio) e os ideofones de que derivam, devendo destacar-se a estrutura destes que, se representa da seguinte maneira: **ku++radical ideofónico+ verbalizador** = verbo. A seguir apresentamos um quadro, adaptado do modelo apresentado por Langa (2004), em que mostramos os elementos usados na verbalização dos ideofones acima.

23.

Ideofones	Ideofs. Verbalizados	Verbalizador	Glossário
-chuku	Kuchukuvanya	-vany-	'mexer-se; agitar-se'
-dwa	Kudwaka	-k-	'emergir'
-khapa	Kukhapa	-∅	'transbordar'

Ideofones não verbalizáveis

Depois de na secção anterior termos falado de ideofones verbalizáveis, vamos agora apresentar aspectos sobre ideofones não verbalizáveis, aqueles que não são susceptíveis de se tornarem verbos. Partiremos dos seguintes exemplos onde se mostram, também, alguns contextos de uso:

24.

a) **-bi** 'de estar em completo silêncio; de estar completamente acabado'

Ex: Pedro ate **bi**

'o Pedro está em completo silêncio.'

b) **-gaa** 'de estar deitado de costas; de cair de costas'

Ex: N'wana ate **gaa**

'a criança está deitada de costas.'

e) **-sudu** 'de estar caído de bebedeira, doença, dor profunda, etc.'

Ex.: Xidakwa xiyo sudu.

'o bêbado está caído (de bebedeira).'

Recuperando a ideia de Miti (2006) sobre ideofones primitivos, podemos observar que os ideofones que não se verbalizam em (24) são os primitivos, na sua maioria monossilábicos. Portanto, os ideofones primitivos, para além de não ser possível repartir sua estrutura para efeitos de análise (MITI, 2006), também não são verbalizáveis.

Conclusões

Esta discussão toda em volta de alguns aspectos da morfologia dos ideofones fez-nos concluir que de facto a estrutura do ideofone é **ku-+ radical ideofónico**, prevalecendo, deste modo, a primeira hipótese, sendo que o que acontece é que a partícula *-ku* da Hipótese 2 derivada da conjunção *lesvaku/svaku* e a sua função é diferente da partícula *ku-* da Hipótese 1, na primeira hipótese trata-se de uma conjunção, variante (abreviada) das formas *lesvaku* e *svaku*, enquanto que na hipótese 2 a forma *ku-* funciona como parte de estrutura do ideofone, é o prefixo que introduz o ideofone na sua forma “infinitiva”. Concluimos ainda que os ideofones podem ser simples ou complexos, os simples são primitivos, os complexos podem ocorrer por reduplicação ou por triplicação. Verificamos também que os ideofones podem derivar de verbos, assim como podem se transformar em verbos, portanto estas palavras apresentam processos morfológicos, tal como acontece com outras palavras da(s) língua(s) naturais.

REFERÊNCIAS

BECK, D.. *Ideophones, adverbs and predicate modifiers in Upper Necaxa Totonac*. Department of Linguistics, University of Alberta, 2005.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. *Situação linguística de Moçambique*. Maputo: Instituto Nacional de Estatística (INE), 2000.

KIMENYI, A.. *Inconicity of ideophones in Kinyarwanda: form, function, content and context*. California State University at Sacramento, California, [s.d]. Disponível em: <http://www.kimenyi.com/iconicity-of-ideophones-inkinyarwanda.php>. Acesso em 26 Fevereiro 2015.

KULEMEKA, A. Sound Symbolic and Grammatical Frameworks: A Typology of Ideofones in Asian and African languages. *South African Journal of African Languages*, South Africa, vol. 15, 73p, 1995.

LANGA, D. Ideofones em Changana. In NGUNGA, A. e PEREIRA, I. (orgs.). *Progressos da Investigação em Ciências Sociais e Humanas*. Maputo: Imprensa Universitária -Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

MARIVATE, L. The Ideophones as a Syntactic Category in the South Bantu Languages. In *Studies in African Languages*. Los Angeles: Los Angeles University - USA, 1981.

MATAMBIROFA, F. Argument Structure and Morphosyntax of the Ideophones in Bantu: Some Preliminary Remarks. In Ngunga, A. (org.). *Lexicografia e Descrição das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA), 2009.

MITI, L. *Comparative bantu phonology and morphology*. Cape Town: CASAS, 2006.

NGUNGA, A. *Introdução á linguística bantu*. Maputo: Imprensa Universitária - Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

NHAMPOCA, E. Revisitando alguns ideofones do Changana. In NGUNGA, A. (org.). *Lexicografia e Descrição das Línguas Bantu*. Maputo: Centro de Estudos Africanos (CEA) - Universidade Eduardo Mondlane, 2009.

NHAMPOCA, E.C..Uma proposta metodológica para a compilação de um dicionário de ideofones do Changana. 2010. 67f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras e Ciências Sociais, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2010.

NKABINDE, A. *An Introduction to Zulu syntax*. Pretória: ACACIA, 1985.

PETTER, M.. Morfologia. In FIORIN, J. (org.). *Introdução à Linguística: II princípios de análise*. São Paulo: Contexto. 2003.

SITOE, B. *Dicionário Changana - Português*. Maputo: Instituto Nacional do Desenvolvimento da Educação (INDE), 1996.

SITOE, B.; NGUNGA, A. (orgs.). *Relatório do II seminário sobre a padronização da ortografia de línguas moçambicanas: separata da língua Xichangana*. Maputo: Núcleo dos Estudos das Línguas Moçambicanas (NELIMO) – Universidade Eduardo Mondlane, 2000.

Recebido em 25/08/2015. Aprovado em 20/12/2015.